

ECONOMIA E ESCRAVIDÃO EM UMA SOCIEDADE DO BRASIL MERIDIONAL. CURITIBA NO SÉCULO XVII E INÍCIO DO SÉCULO XVIII.

RICARDO COSTA DE OLIVEIRA¹
DEPARTAMENTO DE CIÊNCIAS SOCIAIS. UFPR.

A ocupação da região de Curitiba aconteceu em meados do século XVII por bandeirantes que conheciam o território do Brasil Meridional há várias gerações. Sucessivas bandeiras dirigiram empreendimentos contra os índios guarani no litoral e no interior. A fixação em arraiais mineradores e o estabelecimento de moradores pode ser datado por volta da década de 1650. As primeiras sesmarias oficialmente documentadas em núcleos estabelecidos foram concedidas na década de 1660². A presença africana e negra em Curitiba foi pioneiramente estudada no livro – As Metamorfoses do Escravo, de Octavio Ianni. Os africanos e negros estavam presentes desde o início da vila de Curitiba.

Uma carta do Ouvidor Raphael Pires Pardini de 30 de agosto de 1721³ relatava a existência de cerca de 200 casas e 1.400 pessoas de confissão nas duas freguesias de Curitiba (Nossa Senhora da Luz e São José). A ocupação do planalto teria começado há cerca de oitenta anos atrás. Os habitantes dedicavam-se à mineração e à pecuária. Desde 1704 que começara a ocupação dos campos que ligavam a região com Sorocaba e com São Paulo. Estabeleceu-se um caminho entre as duas regiões. Há vários anos se levaram de 800 a 1.000 cabeças de bois e cavalos para as minas de Cataguases. Também descrevia Pardini que muitos mineradores tinham seguido da região para as Minas Gerais e para as minas de Mato Grosso. As lavras apresentaram baixo rendimento e a produtividade era pequena⁴ em comparação com as posteriores descobertas ao norte, nas Minas Gerais. O cronista Antonil se refere ao fato de que teria sido “um mulato que tinha estado nas minas de Paranaguá e Curitiba” o descobridor das minas gerais dos Cataguás⁵.

O Capitão-Povoador de Curitiba foi Mateus Martins Leme. Paulista, filho de Thomé Martins Bonilha e de Leonor Leme. Era um experiente bandeirante com várias entradas no sertão⁶. Era neto de Francisco Martins Bonilha que em 1585 participara da entrada de Jerônimo Leitão contra os carijós de Paranaguá⁷. Possuía um sítio no Rio Barigüi, legitimado com carta de data de sesmaria em 1668. No testamento⁸ do Capitão-Povoador de 2/7/1695 conhece-se o conjunto de “peças” a ele pertencentes. Havia mais de 30 escravos⁹ e pelo menos uma “tapanhunha”, Faustina¹⁰, a qual deveria ser vendida para a satisfação do legado inteiro do testamenteiro e missas, o que denota uma distinção especial no preço da venda. Constava no testamento um conjunto de gado vacum, cavalgaduras e ovelhas. Também era listado um número de ferramentas como foices, machados, enxadas, e outros elementos de carpintaria. Não havia a descrição de terras nem de moradias, mas apenas os itens ligados aos bens escravos e aos objetos imóveis.

No inventário de Baltazar Carrasco dos Reis datado de 21/10/1697¹¹ temos um arrolamento de preços relativos. Havia três negros do gentio da terra que foram avaliados da seguinte maneira em réis : Angelo – 24.000, João Criolo, “doente de achaques” – 20.000 e uma negra boçal – 16.000. O preço dos escravos era muito superior ao dos outros bens listados no inventário.

Três vacas com suas crias – 1.760 cada uma
Sete vacas – 1.440 cada uma – 10.080
Três novilhas – 2.400
Um boi – 1.100
Quarenta e seis cabeças de ovelhas - 14.720
Quatro foices velhas – 1.280
Três machados velhos – 96
Seis cabeças de enxadas velhas – 400
Uma alavanca velha – 640
Pesos de meia arroba e balança - 3.000
Duas braças de correntes velhas com três colares - 1.600
Um casaca de palha velha na vila com uma porta e duas janelas – 6.000
Um catre e um colchão velho - 1.000
Teodósia, uma negra da terra com uma cria mais o filho – 30.000

Outro inventário de Curitiba datado de 1720 é o de José da Costa de Vasconcellos¹². Era casado com Dionizia Leme da Silva. A filha Maria ficou com o tutor João Carvalho de Assunção. Os primeiros povoadores de Curitiba formavam uma grande estrutura de parentesco descendente dos Leme e dos Bueno de São Paulo¹³. Valores em réis :

Bento – 34.000
Lázaro – 34.000
Um rapaz – 10.000
Rapariga – 10.000
86 cabeças de gado vacum – 120.400
11 cabeças de cavaladuras – 55.000
2 espingardas – 4.000
Poldro – 7.000
Traçado (?) – 8.000
20 oitavas de ouro – 20.000
72 oitavas de prata – 7.200
22 libras de cobre – 14.080
Veste e calção – 2.000
Espada – 3.000
Chapéu – 400
Par de sapatos – 640
Frasqueira com 9 frascos – 3.000.

Percebe-se pelo valor relativo do preço dos escravos que o custo da mão-de-obra era uma das questões centrais da economia da região. O valor dos escravos era muito mais elevado do que a terra e do que os outros bens disponíveis na economia local. A partir da década de 1720 começa a existir a venda de propriedades¹⁴ e inicia-se um mercado de terras que aos poucos vai se consolidar ao largo do século XVIII.

Pela leitura do primeiro livro manuscrito de batismos da Paróquia de Nossa Senhora da Luz dos Pinhais de Curitiba, podemos analisar alguns aspectos da escravidão no início da vila. Dos 9 registros de escravos de 1686, mais da metade são filhos de mãe solteira. Dos 29 batizados escravos em 1688, bem mais da metade são de filhos de mães solteiras. Dos 19 batizados de escravos de 1691, temos cerca da metade dos assentos dados como filhos de casais. Dos 20 batizados de 1695, temos mais da metade dos batizados dados como filhos de casais. Nesses que são alguns dos raros documentos sobre a vida dos escravos curitibanos no final do século XVII, pode-se perceber a existência de casais de escravos e verifica-se mesmo um padrão da família escrava no início da vila¹⁵. Representa apenas uma parte dos batismos mas é bastante significativa essa estrutura de parentesco entre os escravos da região.

Quanto a composição étnica dos escravos, temos a grande preponderância de negros do gentio da terra, principalmente de carijós. A grande maioria dos batizados é de inocentes, mas são encontrados vários adultos, o que é uma indicação da existência de apresamento de índios do sertão, descrito algumas vezes nos assentos pelos moradores da vila de Curitiba¹⁶. O batismo de adultos está concentrado nos anos iniciais do século XVIII. Também aparecem eventualmente alguns tapuias¹⁷ e mesmo o batismo de um filho de um “pareci”¹⁸ já para o fim do século XVIII.

Desde 1697 que já aparecem batismos de filhos de escravos do gentio da Guiné, como Balthazar, em 6/6/1697. Também consta a presença de escravos do gentio da Mina, como é indicada Suzana, em 20/7/1707. No século XVIII a vinda de escravos africanos começa a se organizar. Temos o batismo de Pedro e de Domingos, “moleques Minas” em 13/6/1709. Thomas, batizado aos 18/9/1720, era filho de Antonio e de Maria, os dois eram escravos do gentio da Guiné pertencentes ao Padre Gregório Mendes Barbuda. Constam muitos tapanhunos que geralmente são descritos como negros de origem africana¹⁹.

Com a ocupação dos Campos Gerais nos anos iniciais do século XVIII e com a formação das grandes fazendas de gado, observa-se um padrão escravista com particularidades. A figura do proprietário absenteísta revela um número e uma regularidade maior no batismo de escravos de origem africana naquela região do que em relação aos moradores do entorno da vila. Encontramos desde gente de Curitiba como o Capitão Antonio Luiz Tigre, até moradores em Santos como o Sargento-Mor Manoel Gonçalves de Aguiar que concentra o maior número de escravos batizados para as suas propriedades nos Campos Gerais e Dona Ana de Siqueira. Moradores em Paranaguá também são identificados nas listas de batismos dos escravos. Nomes como o Dr. Antonio dos Santos Soares e os Rodrigues França estavam muito presentes nas primeiras décadas do século XVIII. Inclusive muitos filhos de escravos eram batizados por casais de escravos, o que revela uma ordem escravista específica. Muitas vezes os escravos eram também os administradores das propriedades rurais²⁰.

A evolução econômica da região pode ser percebida quando comparamos uma mesma família em dois momentos. O maior registro coletivo de batismo de escravos adultos foi anotado aos 24/6/1709. Oito indivíduos²¹ foram batizados naquele dia. Pertenciam ao Capitão Manoel Picam de Carvalho. O seu filho João Carvalho de Assunção²² participou como padrinho. O Capitão João Carvalho de Assunção teve várias lavras, inclusive no Arraial Grande, em São José dos Pinhais. Tinha propriedades em

Furnas e participava da governança de Curitiba²³. Em 1750, o mesmo João Carvalho de Assunção, então Capitão, foi autuado e teve de penhorar sete escravos africanos²⁴. Eram originários de Angola, do Congo e de Cabo Verde. Também está relacionado a essa família um episódio que bem descreve os rigores da lei na sociedade escravista curitibana daquela época. Maria Bueno da Rocha, cabeça do casal, na ausência do seu marido o Capitão João Carvalho de Assunção, que estava participando de uma bandeira “pelos matos”, denunciou Antonio, mulato forro de uma ação criminosa. Este foi até o sítio da suplicante que estava ausente na vila, participando da festa da páscoa e tirou uma rapariga administrada de nome Apolônia e a levou para o bairro de Tinguiquera. O Juiz Ordinário da vila mandou que prendessem a Antonio por esse não ter encontrado a rapariga e ser o último acusado de a estar escondendo. O preso foi remetido para trabalhar nas obras de sua majestade na Ilha de Santa Catarina. O processo e a chegada de Antonio preso na Ilha de Santa Catarina transcorreu em pouco mais de um mês e três testemunhas foram ouvidas²⁵. No processo existe uma passagem em que se afirma que a suplicante, Maria Bueno da Rocha, tinha vários administrados e os alimentava. Também encontramos nos livros da paróquia de São José dos Pinhais um significativo número de assentos eclesiásticos dos escravos desse casal que foi um dos maiores proprietários escravistas na região do planalto curitibano no século XVIII. As idades e a origem dos escravos variavam bastante²⁶.

Para o fim do século XVIII mudou a proporção étnica na distribuição do escravo local. A sociedade curitibana apresentava para o ano de 1798 a seguinte composição²⁷ de homens livres :

3.684 brancos

1.479 pardos

135 pretos

Os escravos contavam com :

341 pardos

839 pretos

Os dados estatísticos acima dispostos revelavam que para o fim do século XVIII a maior parte dos escravos eram conceituados como “pretos”. A economia da região se estruturava ao redor de grandes fazendas e também havia grande número de sítios vinculados às atividades de subsistência. Encontrava-se a figura de agregados, foreiros, administradores de fazendas e assistentes que organizavam o pequeno comércio local. Era uma sociedade e economia que crescia em um ritmo lento e gradual²⁸, mas com uma lógica interna específica e que não dependia necessariamente dos grandes ritmos atlânticos da economia agro-exportadora.

A resistência escrava pode ser verificada através de alguns documentos. Em 7/11/1746 foi registrada uma carta do General Dom Luiz de Mascarenhas no Livro de Registros de Resoluções, Ordens e Provisões da Câmara de Curitiba²⁹. Os negros “calhambolas” deveriam ser marcados a ferro com um carimbo com a letra F a ser guardado na Arca da Câmara. Deveria ser nomeado um ou mais Capitães do Mato para que este com a companhia de alguns negros, carijós ou bastardos pudesse prender os quilombolas. Os Capitães do Mato

“ou outras quaisquer pessoas a quem cometer a diligência declarando lhe neles que se os ditos calhambolas trouxerem armas e se não quiserem entregar a prisão resistindo aos ditos Capitães do Mato ou a outra qualquer pessoa que para as prender levar mandado de Vm.ce em tal caso lhe – atirem e os matem – o que sem o mínimo receio e podem fazer os executores não só pela premissa da Lei do Reino na Ordenação livro 5 tt 49 & 10 mas também por serem esses negros públicos salteadores de estradas a quem lhe pode matar impunemente havendo notoriedade dos seus malefícios (...) Advirto mais a Vm.ce que os senhores dos escravos que assim forem mortos em caso de resistência não tem alçada para pedirem o seu valor aos oficiais de Justiça ou outra qualquer pessoa que com mandado dela o matar porque é justa e leal a dita morte assim como é a força mandada dar pelos Ministros de Justiça ”

A legislação também procurava cercear as manifestações culturais de origem africana como os fandangos. Em 1773 José Loureiro Fernandes, visitador ordinário do Bispado de São Paulo na Lapa, estipulou que deveria ser condenada em duas patacas a pessoa que assistisse aos batuques e em oito patacas os donos das casas em que acontecessem e houvesse participação nesses “iníquos folguedos”³⁰.

A resistência negra e a participação cultural de origem africana convertida em brasileira pode ser encontrada em várias frestas na legislação do Estado local. São as vozes da escravidão e das populações negras que a classe dominante também registrou nos documentos oficiais. A pesquisa das fontes eclesiásticas dos escravos africanos em Curitiba e em São José dos Pinhais pode possibilitar a reconstrução de itinerários familiares de negros em Curitiba do século XVII e XVIII até a contemporaneidade, hipótese em que nos dedicamos no momento.

Fontes Primárias

Departamento Estadual de Arquivo Público. Paraná. Curitiba. Inventários e Processos.

Livros Eclesiásticos de Assentos da Paróquia de Nossa Senhora da Luz dos Pinhais de Curitiba e de São José dos Pinhais.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

Boletim do Arquivo do Paraná. Ano XIII. Nº 22. 1988.

Boletim do Archivo Municipal de Curityba. Imprensa Paranaense. Volume XII.1925.

Carneiro, David (1962). Fasmias Estruturais da Economia do Paraná. Imprensa da Universidade do Paraná.

Carvalho Franco, Francisco de Assis (1954). Dicionário de Bandeirantes e Sertanistas do Brasil. Gráfica Siqueira.

Costa, Iraci Del Nero da e Gutiérrez, Horácio (1985). Paraná. Mapas de Habitantes. 1798-1830. IPE/USP.

Ianni, Octavio (1988). As Metamorfoses do Escravo. Hucitec. Scientia et Labor. 2º Edição. 1988.

Leão, Ermelino de (1926). Dicionário Histórico e Geográfico do Paraná.

Negrão, Francisco (1929). Genealogia Paranaense. 4º Volume. Imprensa Paranaense.

Peças do Inventário do Capitão Povoador Baltazar Carrasco dos Reis – 1697. Edição do Arquivo Público – Paraná. 1986.

Oliveira, Ricardo Costa de (2001). O Silêncio dos Vencedores. Genealogia, Classe Dominante e Estado no Paraná. Moinho do Verbo Editora.

Revista do Arquivo Municipal de São Paulo. Volume 47, 1938.

Ritter, Marina de Lourdes (1982). A Sociedade nos Campos de Curitiba na Época da Independência. BRDE.

Ritter, Marina Lourdes (1980). As Sesmarias do Paraná no Século XVIII. Estante Paranista 9. IHGP.

Roderjan, Roselys Vellozo (1992). Os Curitibanos e a Formação de Comunidades Campeiras no Brasil Meridional. Estante Paranista 36. IHGP.

Slenes, Robert (1999). Na Senzala, uma Flor. Editora Nova Fronteira.

NOTAS:

¹ Doutor em Ciências Sociais pela UNICAMP.

² Marina Lourdes Ritter. As Sesmarias do Paraná no Século XVIII. Estante Paranista 9. IHGP. 1980.

³ Transcrita em Ouvidor Pardinho. Benemérito Visitador. Boletim do Arquivo do Paraná. Ano XIII. Nº 22. 1988.

⁴ David Carneiro. Fismas Estruturais da Economia do Paraná. Imprensa da Universidade do Paraná. 1962.

⁵ Antonil. Cultura e Opulência do Brasil. 1982. Reconquista do Brasil. Itatiaia.

⁶ Mateus Martins Leme participou da bandeira de Fernão Dias Pais, em 1637, ao Rio Grande do Sul. Carvalho Franco, Dicionário de Bandeirantes, 213, 1954.

⁷ Carvalho Franco. Dicionário de Bandeirantes : 1954, 70.

⁸ Ermelino de Leão. Matheus Martins Leme. 1268-1274. Dicionário Histórico e Geográfico do Paraná. 1926.

⁹ Vicente , Maria, Melaton ?, Manoel, casal – Manoel e Marcela, filho Gaspar, neto Inocencio, casal – Bernardo e Ana, filho Faustino, neto Sírriaco, neta Maria, Francisca com os netos Simoa, Paulo e Juan, André e seu irmão Pedro e sua irmã Theodosia, Leão, solteiro e seu neto Lazaro, Felipe - solteiro, Faustina – solteira – tapanhuna, Gabriel e Apolinário (foram herdados do pai do testamenteiro em São Paulo e deviam acompanhá-lo. Seriam forros. Gabriel foi casado com uma bastarda que fica livre), casal José e Domingas com uma filha Merensia e esta com uma filha de peito (como eram as pessoas que o assistiam na velhice, ficou o pedido de não os sujeitar mas atendê-los em suas necessidades), Madalena com seu filho Nicolau e este com duas filhas Lourença e Domingas, Inocencio, deixado ao bastardo Luis.

-
- ¹⁰ Existe uma Faustina, do gentio da Guiné, em um registro de batismo de 3/9/1698. Deve ser a mesma pessoa. Primeiro Livro de Batismos da Paróquia de Nossa Senhora da Luz dos Pinhais de Curitiba.
- ¹¹ Peças do Inventário do Capitão Povoador Baltazar Carrasco dos Reis – 1697. Edição do Arquivo Público – Paraná. 1986. O título está errado porque era simplesmente Capitão. O Capitão Povoador era Mateus Martins Leme.
- ¹² Processos. Cx003. PJI-003. Departamento Estadual de Arquivo Público. Estado do Paraná – Curitiba.
- ¹³ Francisco Negrão. Genealogia Paranaense. V4. Título Matheus Leme. Ricardo Costa de Oliveira. O Silêncio dos Vencedores. Genealogia, Classe Dominante e Estado no Paraná. Moinho do Verbo Editora. 2001.
- ¹⁴ Marina de Lourdes Ritter. A Sociedade nos Campos de Curitiba na Época da Independência, 33, 1982.
- ¹⁵ Sobre a família escrava no século XIX existe o livro de Robert Slenes - Na Senzala, uma Flor. Editora Nova Fronteira. 1999.
- ¹⁶ Encontramos o batismo de Marcos e de Raimundo, filhos de pagãos. Cristóvão, adulto, filho de pagãos. Todos no ano de 1690.
- ¹⁷ Como no batismo de Francisco, adulto, aos 24/4/1729.
- ¹⁸ Batismo de Francisco, filho de Manoel Antunes, de nação “Parasi”. 20/5/1777.
- ¹⁹ O Negro no Bandeirismo Paulista. Cassiano Ricardo. Revista do Arquivo Municipal de São Paulo. Volume 47, 1938.
- ²⁰ Quadro Geral da Relação das fazendas e Sítios de Curitiba em 1772. Roselyis Vellozo Roderjan. Os Curitibanos e a Formação de Comunidades Campeiras no Brasil Meridional, 83, 1992. Estante Paranista 36. IHGP.
- ²¹ Luzia, Bento, Maria, Lázaro, Miguel, João, Sebastião e Maria. Primeiro Livro de Batismos da Paróquia de Nossa Senhora da Luz dos Pinhais de Curitiba.
- ²² No registro de óbito de 20/5/1761, em São José dos Pinhais, do Capitão João Carvalho de Assunção consta que este era natural da vila de Curitiba e faleceu com pouco mais ou menos de 84 anos. Sepultado em Curitiba como quiseram os herdeiros. Foi casado com Maria Bueno da Rocha, falecida em São José dos Pinhais aos 2/9/1777, com 80 e tantos anos. Pertenciam às principais famílias da Capitania de São Paulo, ele era neto de Mateus Martins Leme, Capitão-Povoador de Curitiba e ela era trineta de Amador Bueno, o “Aclamado”. Descendem desse casal tanto o bisavô como a bisavó paternos do autor (RCO).
- ²³ Ermelino de Leão. Dicionário Histórico e Geográfico do Paraná, 960, 1926.
- ²⁴ Ventura – nação Angola, Pedro – nação Congo, Antonio - Cabo Verde, Antonio – nação Angola, Caetano – nação Angola, Garcia – nação Angola e Luzia – crioula. Processos. Departamento Estadual de Arquivo Público. Estado do Paraná. JP 985 ex 51. Aparentemente não foram todos penhorados porque registros posteriores os indicam como escravos do referido senhor.
- ²⁵ Processos. Departamento Estadual de Arquivo Público. Estado do Paraná. JP 2366. CX 114.
- ²⁶ Por exemplo, encontramos os óbitos dos seguintes escravos e administrados do Capitão João Carvalho de Assunção : 1/9/1758 – Simão, inocente, filho de Antonio da Nação Cabo-Verde, 17/8/1759 – Joseph, administrado de 19 anos, 6/9/1759 – André, administrado de 11anos, 11/7/1760 – Antonia, administrada, casada com Antonio, escravo, mais ou menos 30 anos, 13/6/1760 - Antonio, Nação Cabo-Verde, mais ou menos 60 anos, foi multado o senhor pela fábrica por ele ter morrido sem sacramento, 16/3/1761 - Ventura, Nação Angola, 50 e tantos anos, faleceu repentinamente e por isso não foi o senhor multado dessa vez.
- ²⁷ Paraná. Mapas de Habitantes. 1798-1830. Iraci Del Nero da Costa e Horácio Gutiérrez, 27-29.
- ²⁸ Sobre a sociedade e a economia no início do século XIX : A Sociedade nos Campos de Curitiba na Época da Independência. Marina Lourdes Ritter.
- ²⁹ Registo de hua Carta do Exmo. Snr. General e he o seguinte : Boletim do Archivo Municipal de Curityba. Impressora Paranaense. Volume XII. Página 5 e 6. 1925.

³⁰ Octavio Ianni. As Metamorfoses do Escravo. Hucitec, Scientia et Labor. 120,121 : 1988.